

**O Sr. Haroldo Lima** — Líder do PC do B — Sr. Presidente, peço a palavra para uma comunicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Ulysses Guimarães) — Tem a palavra o nobre Constituinte.

**O SR. HAROLD LIMA** — (PC do B — BA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Constituintes:

Ontem, consumou-se nesta Assembléia a aprovação das emendas que foram propostas pelo Centrão sobre o Regimento Interno da Casa. Na realidade, foram aprovadas todas as emendas propostas pelo Centrão, e somente elas. O grupo do Centrão, em decorrência desse fato, vai assumindo uma grande responsabilidade perante todo o povo brasileiro.

Na aprovação das emendas do Centrão, há que se destacar a responsabilidade que teve, na nossa opinião, o Presidente desta Casa, Constituinte Ulysses Guimarães. O boletim da Liderança do PC do B, que nesta tarde está circulando, conta, no seu editorial de primeira página, os encaminhamentos que foram feitos por mim, em nome do PC do B, pelo Líder Brandão Monteiro, pelo PDT, e pelo Vice-Líder Plínio de Arruda, pelo PT, com a Presidência da Casa, e relata que, quando consultamos o Presidente sobre o que aconteceria se as emendas que foram encabeçadas pelo PDT fossem retiradas, S. Ex<sup>a</sup> nos respondeu que, automaticamente, a redação final estaria aprovada porque não foi aproveitada nenhuma emenda. Pouco depois, pressionado pelo Centrão o Presidente nos informou que deveria haver uma sessão especial para aprovação da redação final, em princípio 48 horas após a eventual retirada das nossas emendas, o que fez com que não tivéssemos retirado aquelas emendas. Contudo, vimos ontem que, quando as emendas foram derrotadas, não houve qualquer sessão especial para a votação da redação final, que foi, também, simbolicamente aprovada.

Isto significa que, em nossa opinião, beneficiou-se o Centrão desta atitude da Presidência da Constituinte, no sentido de prorrogar os nossos trabalhos, o que fez com que o Centrão passasse a ter um tempo que ele não teria se a sua emenda ao Regimento Interno fosse aprovada no tempo devido. Ele passou a ter umas três semanas a mais, para elaborar as emendas que, naquele momento, não estavam, segundo consta, elaboradas.

Sr. Presidente, como Líder do Partido Comunista do Brasil nesta Assembléia Nacional Constituinte, quero solicitar a transcrição, nos Anais desta Casa, de um artigo do jornalista Janio de Freitas, da **Folha de S. Paulo**, publicada nesse jornal paulista, no dia 3 de janeiro próximo passado.

O artigo, entre outros aspectos, destaca, primeiro, o que significa a representação eleitoral do Centrão, comparada com a representação dos demais Constituintes desta Casa, não pertencentes aos quadros desse grupo.

Destaca, depois, o jornalista Janio de Freitas que

“Os 317 listados pelo Centrão obtiveram, nas urnas de 15 de novembro passado, 24 616.573 votos. Já os que compõem o não-Centrão, em suas diversas correntes, conquistaram 56.355.275 votos.”

A conclusão que tira o jornalista Janio de Freitas, absolutamente procedente, é que a chamada maioria que o Centrão representaria nesta Casa, longe de ser maioria, é uma minoria que corresponde a, aproximadamente, 30% do eleitorado popular que elegeu esta Assembléia Nacional Constituinte.

Diz mais o jornalista Janio de Freitas, pesquisando sobre a representatividade eleitoral dos líderes direitistas que comandam o Centrão. Chama a atenção para o fato de que somando as votações que conseguiram os Líderes Amaral Netto, José Lourenço, Roberto Cardoso Alves, Ricardo Fiúza, Bonifácio de Andrada e Daso Coimbra, que são os líderes que têm falado de forma enfática em nome do Centrão, todos esses líderes, somando as suas votações, atingiram 293 mil de votos, uma cifra absolutamente irrisória comparada com a votação de diversos outros líderes desta Casa.

Diz mais ainda o jornalista Janio de Freitas que um outro argumento muito insistido pelo próprio Centrão, de que o projeto da Constituição que saiu da Comissão de Sistematização seria um projeto que reflete as propostas e as emendas dos grupos de esquerda.

O jornalista Janio de Freitas investigou, também o assunto e mostrou que isso é um grande sofisma, e, mais do que isso, é uma mentira e uma insolência, porque, segundo as suas pesquisas, apenas 24% das propostas originárias dos grupos e dos Partidos tidos de esquerda nesta Casa foram aprovadas pela Comissão de Sistematização, a ampla maioria delas, não apenas pelos grupos tidos como de esquerda, mas, exatamente, com o apoio de diversos setores liberais e conservadores.

Assim, Sr. Presidente, para encerrar, queríamos, nesta oportunidade, reafirmar, primeiro, que o PC do B não participou dos entendimentos com o Centrão para mudar o Regimento Interno da Casa, porque entendia que essas mudanças objetivavam mutilar o projeto da Comissão de Sistematização nos seus aspectos mais importantes para o povo brasileiro. Segundo, porque o PC do B, sintonizado com o povo brasileiro, não está disposto a acatar que o Centrão se comporte como uma espécie de rolo compressor que venha a esmagar os direitos fundamentais que moderadamente estão inscritos no projeto da Comissão de Sistematização. E, finalmente, que o PC do B considera de fundamental importância a mobilização do povo brasileiro, no sentido de se formar uma grande frente popular e democrática para que se defendam, no Plenário desta Assembléia, as posições progressistas relacionadas com o modelo econômico brasileiro, com os direitos sociais e os direitos dos trabalhadores, com o sistema de governo a ser implantado em nosso País e, assim, consigamos, efetivamente, votar uma Constituição que seja moderna e progressista.

Muito obrigado.

#### **DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. HAROLD LIMA EM SEU DISCURSO:**

Janio de Freitas  
A maioria que é minoria

Os integrantes do Centrão, mesmo admitindo-se os 317 nomes da lista verdadeira montada pelos líderes do grupo, não têm representati-

dade correspondente nem a um terço das preferências e idéias expressas nas urnas pelo eleitorado. Não passa de impostura, pois o “argumento democrático” com que o Centrão se apresenta, nas palavras adotadas por seus líderes e propagandistas, como “reunião da maioria para acabar com a ditadura da minoria que impôs um projeto de Constituição contrário à vontade da sociedade”. A maioria que o Centrão tem no plenário foi repelida, nas urnas, por 70% do eleitorado brasileiro.

Os 317 listados pelo Centrão obtiveram, nas urnas de 15 de novembro, 24.616.573 votos. Já os que compõem o não-Centrão, em suas diversas correntes, conquistaram 56.355.275 votos. (A soma destas duas quantidades é maior do que o eleitorado total porque, ao escolher seus representantes na Constituinte, cada eleitor pôde votar para deputado e para senador). A representatividade do Centrão restringe-se, portanto a 30,4% das preferências do eleitorado entre seus possíveis representantes na Constituinte e respectivas propostas. Aos 24 milhões de votos do Centrão, aliás, só o PMDB liderado pelo Senador Mário Covas na Constituinte opõe 50.168.163 votos.

A gritante diferença de representatividade entre o Centrão e o não-Centrão é mais ampla ainda, na verdade. Pelo menos seis dos constituintes da lista de 317 “centrozistas” jamais deram um só voto ao Centrão, nas três ocasiões em que o grupo votou, no plenário, a modificação do Regimento Interno da Constituinte. Apenas com a exclusão daqueles seis, a massa eleitoral do Centrão já cairia mais 277.373 votos. Dos mesmos 317 listados, 25 só apoiaram o Centrão uma vez e 88 deixaram de fazê-lo pelo menos uma vez nas três oportunidades. E há ainda numerosos que por favoráveis à reapresentação de emendas pelo plenário, figuram na lista de integrantes do Centrão sem que admitam sê-lo, como Jarbas Passarinho, Sandra Cavaicanti, Joaquim Francisco, Marco Maciel e tantos outros.

Quando se considera a representatividade dos grandes líderes que conduzem o Centrão, chega a ser constrangedor. São precisos os seis maiores — Amaral Netto, José Lourenço, Roberto Cardoso Alves, Ricardo Fiúza, Bonifácio de Andrada e Daso Coimbra — para chegar a parcos 293 mil votos. Diante do grande José Lourenço, com seus “bint’ oito mil botões”, teria o efeito de uma tamancada, lembrar os 7 milhões 785 mil votos do líder oposto, Mário Covas. Só Covas e Fernando Henrique Cardoso, com seus 14 milhões de votos, representam mais da metade, ou 57% da representatividade de toda a lista do Centrão, incluídos os vários acréscimos marotos.

Também sob outro aspecto é falso o “argumento democrático” do Centrão, e de seu ideólogo Saulo Ramos, de que o projeto da Sistematização “foi dominado pelas teses esquerdistas e socializantes, em contraposição ao desejo dominante na sociedade brasileira”. Apenas 24% das propostas originárias da esquerda foram aprovadas pela Sistematização e todas com os votos de conservadores (e não só um ou outro dado por engano, além de indecísivo).

Em termos de representatividade, a maioria do Centrão no plenário precisaria de mais 129% de votos eleitorais, ou o dobro e mais um terço do que lhe deram os brasileiros, para igualar-se à representatividade do não-Centrão. Mas, por força

do artifício de maioria no plenário, segundo o qual os 2.372 eleitores de Marluce Pinto valem o mesmo que os 2.486.868 de Nelson Carneiro, a Constituinte que amanhã reabre — haja paciência — encaminha-se para brindar o Brasil com uma Constituição que não exprimirá as aspirações de nem um terço dos eleitores.

**O Sr. Amaral Netto** — Líder do PDS — Sr. Presidente, peço a palavra para uma comunicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Ulysses Guimarães) — Tem a palavra o nobre Constituinte.

**O SR. AMARAL NETTO** (PDS — RJ. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Constituintes:

Em primeiro lugar, gostaria de dizer duas palavras ao nobre Líder do Partido Comunista do Brasil, que há pouco, da tribuna, falava o número de votos somados daqueles que seriam líderes do Centrão. Primeiro, o Centrão não tem líderes, tem coordenadores. Em entanto, acho que S. Exª, como parlamentarista, não pode medir a qualidade do Constituinte pelo número de votos que ele obteve, porque no parlamentarismo pode ser Primeiro-Ministro um homem de 10.000 votos, até! Nada tem a ver uma coisa com a outra. E aqui dentro, com 50, 100, 200 ou 300 mil votos, todos nós temos o mesmo mandato. É um acinte aos companheiros dividi-los pelo número de votos.

Recordo-me quando, nesta Casa havia os dois homens mais votados em 1963: Leonel Brizola, com 266.000 votos, e eu, com 130 mil. Se nós nos lembrássemos de falar no nosso contingente eleitoral, estaríamos humilhando uma porção de companheiros que, por diversas contingências, de ordem política ou partidária, ou locais, ou de exploração, ou de condições de campanha, não tinham podido ter mais votos. É um erro, e até uma falta de respeito, que cometeu o Constituinte Haroldo Lima quando declarou o número de votos, em conjunto, de líderes do Centrão. Não é isso que importa, aqui. Importa é a liderança de cada um, a liderança que todos têm, porque todos são líderes por natureza, já que conseguiram ser indicados pelo povo para ingressar nesta Casa.

Srs. Constituintes, passemos agora a um assunto mais difícil:

**O Jornal de Brasília** estampa, hoje, uma frase, como título, numa matéria de 5ª página, "Sarney governará com o Centrão". E, nesta página se estampa, também, a visita que Líderes do Centrão teriam feito ao Presidente da República ontem à noite.

Eu quero deixar bem claro, com V. Exª, o seguinte: jamais me afastei dessa posição. Todas as vezes que subi à tribuna para falar em nome do Centrão, declarei que falava em meu nome, refletindo, uma parcela do eleitorado do Centrão e, refletindo, talvez, uma parcela da minha Bancada do PDS. Nunca falei, nem mesmo como Líder do PDS, nessa questão. Eu não admito que se diga que Sarney governará com o Centrão porque, com todo o respeito devido ao Presidente da República, eu não me submeteria a apoiar este Governo. Este é um Governo do PMDB, do meu querido Presidente Ulysses Guimarães.

Quem enterrou este País foram dois Ministros da Fazenda do PMDB: o Sr. Dilson Funaro e o

Sr. Bresser Pereira. Levaram o País à beira do tumulto e, agora, como se pegou o Sr. Mailson da Nóbrega, que é um rapaz competente, por acaso feito nas hostes do Governo do PDS, este veio para carregar o caixão e jogar as sete pás de terra nos seus sete palmos de fundura — incrivelmente duro para todos nós consentir em concordar com isso, mas é a verdade.

O Sr. Fernando Henrique Cardoso, ontem, na televisão, fugiu do debate com o meu Presidente, Jarbas Passarinho, no Senado — e, lamento que S. Exª não esteja aqui, porque podia aproveitar para se redimir comigo — ele fugiu do debate quando o Presidente do PDS, Jarbas Passarinho, declarou isto que estou dizendo agora: a responsabilidade deste Governo, quem comandou o desastre nacional, quem levou o País ao buraco, às trevas, à desgraça, ao salário que nada compra, à vida desgraçada que o brasileiro leva, é um Partido que — com todo o respeito que tenho ao meu querido amigo e Presidente Ulysses Guimarães — se chama Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

Foi o PMDB que, com o estelionato eleitoral do Sr. Funaro, conseguiu colocar nesta Casa a maioria e conseguiu fazer 22 Governadores. Esta é a verdade, ninguém pode negar!

Portanto, seria eu um idiota se, estando no Centrão, admitir que nele estou por apoiar um Governo morto e quase insepulto. Esta é que é a verdade, desgraçadamente, para os brasileiros.

Eu continuo líder do maior Partido de oposição desta Casa, que é o PDS, cuja Bancada, na sua maioria absoluta, é pelos quatros anos de mandato. Eu não o sou, posso ser levado a sê-lo, como nunca fui pelos quatro anos, fui sempre pelos cinco, quando Maluf, que era o meu candidato, estava praticamente eleito; quando o Sr. Tancredo Neves estava praticamente eleito e era um grande amigo meu, eu defendi os cinco anos; quando o Sr. Sarney entrou, eu defendi os cinco anos. No entanto, pode ser que as coisas se precipitem e me obriguem a mim e a todos aceitar os quatro anos pacificamente aqui dentro. Agora, não admito que se dê ao Centrão, como organização congressual, apartidária, doutrínaria e ideológica, concentração que nada tem a ver com o Governo, com a Oposição, o caráter de governista, porque alguns dos seus Líderes, que são do Governo, estiveram no Palácio com o Senhor Presidente da República.

Era esta a ressalva que eu queria fazer em nome da minha Bancada, Sr. Presidente, para deixar claro que o Centrão não é um movimento partidário e não poderia ser, com todo número de Deputados e Senadores que tem dentro dele, oriundos de todos os Partidos, principalmente do PMDB. O Centrão nada tem a ver com o Governo do Sr. José Sarney; o Centrão é um movimento congressual absolutamente afastado dos problemas ligados ao Governo.

Esta mensagem eu a trago em homenagem ao meu Partido, aos homens da minha Bancada, em homenagem a esta Constituinte, que está aqui para fazer uma Constituição e não para apoiar ou desapoiar Presidente nenhum.

**O Sr. Mauro Borges** — Líder do PDC — Sr. Presidente, peço a palavra para uma comunicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Ulysses Guimarães) — Tem a palavra o nobre Constituinte.

**O SR. MAURO BORGES** (PDC — GO. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Constituintes:

**O Jornal de Brasília**, de hoje, publica na página 4, em manchete:

"Leônidas condiciona os quatro anos à convocação de eleições gerais.

Recife — O Ministro do Exército, General Leônidas Pires Gonçalves, disse ontem que, se a Assembléia Nacional Constituinte reduzir o mandato do Presidente José Sarney para quatro anos, deve também, para ser bem coerente, convocar eleições gerais para a mesma data."

Sr. Presidente, Srs. Constituintes, este é um assunto aparentemente simples, mas não é; tem uma certa gravidade, pois o Ministro do Exército, quando fala em seu nome próprio, como cidadão, deve mencionar essa condição. Todos sabem da ingerência direta no comando das forças terrestres que tem o Ministro do Exército. S. Exª deveria confirmar ou desmentir essa notícia que é da maior gravidade, porque ele está cobrando coerência da Assembléia Nacional Constituinte, e S. Exª não pode, absolutamente, ser árbitro da Constituinte, não tem condição legal alguma para fazer isso.

Quase todos aqueles que são contra a decisão da Assembléia Nacional Constituinte de reduzir o mandato do Presidente Sarney para quatro anos estão, de uma forma sibilina, de uma forma enganosa, condicionando uma nova eleição geral para o País a essa redução de mandato, como se uma coisa, necessariamente, dependesse da outra, o que é um absurdo, não tem nada uma coisa a ver com a outra. A Assembléia tem plena condição de soberania de fazer essa redução.

Portanto, Srs. Constituintes, este é um assunto aparentemente simples, sem maior gravidade, mas tem muita gravidade, dadas, ao longo da História do Brasil, justamente, às frequentes intervenções militares em assunto dessa natureza, sobretudo, quando se trata de matéria institucional.

Faço, aqui, a minha manifestação de protesto quanto a essa declaração — se ela for confirmada — e que se precavem os Constituintes, porque uma declaração do Sr. Ministro do Exército, tem a capacidade de amedrontar, de tirar a vontade daqueles que lutam por quatro anos. Não que queira, absolutamente, diminuir o Presidente, mas é que o Governo de S. Exª, realmente, é tão negativo, tão incapaz de corrigir os problemas nacionais, que até o Deputado Sarney, seu filho, também, segundo declarações que vi na imprensa, diz que o tamanho do mandato, o seu prazo, vai depender da evolução da economia do País.

Era o que tinha a dizer.

Muito obrigado. (Muito bem! Palmas.)

**O Sr. Firmo de Castro** — Sr. Presidente, peço a palavra para uma comunicação, como Líder do PMDB.

**O SR. PRESIDENTE** (Ulysses Guimarães) — Tem a palavra o nobre Constituinte, que falará durante parte do tempo atribuído ao PMDB.